



PALAVRAS SÃO PONTES! A LITERATURA COMO MEDIAÇÃO CULTURAL: A OBRA DE JUNOT DIAZ

Paulo Rogério Maria Junior - UNILA
Profª Orientadora Livia Santos de Souza - UNILA

RESUMO: Pensar o âmbito cultural de qualquer território requer pinceladas milimétricas e traços cautelosos, principalmente nos tempos de hoje. Os choques culturais causados pelas diásporas resultam em diversas problemáticas: racismo, conseguinte exclusão de lugares públicos e de poderes, etc. A mediação cultural entraria exatamente nesse ponto, a fim de tapar as feridas causadas por esses choques de voltagem alta a partir de ações: sejam elas educacionais, artísticas, etc. A partir disso, tomamos a obra do escritor dominicano radicado nos EUA, Junot Diaz, intitulada *A fantástica vida breve de Oscar Wao* (The brief wondrous life of Oscar Wao, 2007) como um exemplo de prática de mediação, levando em conta dois pontos: o público-alvo – os estadunidenses – e conseqüentemente a linguagem que, além de simples, contém elementos da cultura nerd norte-americana aproximando mais o público da obra. Com isso, Junot faz essa ponte, ligando a cultura que isola da cultura isolada.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, diáspora, mediação cultural, República Dominicana, Junot Diaz, Literatura latino-americana.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema a obra do escritor dominicano radicado nos Estados Unidos Junot Diaz e sua complexa situação transnacional. Diaz, que vive nos EUA desde 1974, é autor do romance *A fantástica vida breve de Óscar Wao* (2007) e dos volumes de contos *Afogado* (1996), e *É assim que você a perde* (2012), narrativas marcadas pela constante caracterização de indivíduos em situação de migração. Assim, transitando entre a realidade caribenha e os elementos culturais do país receptor, os personagens do universo ficcional de Diaz constroem suas identidades de forma marcadamente fragmentária. Nos relatos em questão abundam também situações em que tais sujeitos efetuam diversas formas de negociação intercultural, fatos que permitem a leitura desse conjunto de textos como narrativas transnacionais, vinculadas simultaneamente ao imaginário dominicano e ao norte-americano, nos levando ao entendimento da literatura como uma prática de Mediação Cultural.

JUNOT DIAZ E SUAS OBRAS

Como dito acima, o escritor Junot Diaz nasce em 1968, na República Dominicana e com apenas seis anos de idade segue os caminhos rumo aos Estados Unidos, mais precisamente para Nova Jersey. Por conta desta carga vivida – a de crescer e viver em meio à situação de imigrante – suas obras são carregadas da temática e todas as dolorosas situação que se vive estando nessa situação – principalmente sendo um latino na terra dos ianques. Hoje em dia premiado – o livro que é o objeto de análise desta pesquisa levou o *Pulitzer* de 2008 – continua mantendo suas

137



fortes posições em prol dos que vivem nesta situação, principalmente em suas redes sociais onde publica diversos textos, críticas e afins sobre a situação.

Até o momento (setembro de 2017) escreveu três livros: o romance *A fantástica vida breve de Óscar Wao* (2007) e os volumes de contos *Afogado* (1996) e *É assim que você a perde* (2012). O primeiro receberá uma análise mais completa um pouco mais adiante – afinal é o objeto desta pesquisa, como já dito – e os outros dois faço agora um breve – bem breve – resumo.

- Afogado (1996)

É o livro de estreia do autor. Se trata de uma coletânea de contos que, pasmem, fala sobre a situação do dominicano em migração, e isso não se resume a apenas à pessoa que foi, mas também aborda certos momentos e problemáticas dos que ficam na ilha, muitas vezes esperando o momento de ir também. Esse é o mote central das narrativas, onde quase todos os contos levam como personagem principal Yunior, – há outros contos onde não se tem noção, ao certo, quem são os personagens, mas a temática se mantém: a situação de migração e marginalização – que, em alguns contos, tem de lidar com o fato do pai estar nos EUA e ele na República Dominicana e todas as complicações que isso causa, até momento em que também segue para o *american dream* (sonho americano).

-É assim que você a perde (2012)

É o mais recente livro lançado pelo autor e, como o próprio nome já sugere, fala sobre amor que se foi. E não amor no singular, encare como amores. Nada por conta de metáforas ou elementos poéticos, mas porque também é uma coletânea de contos – mais precisamente nove contos – no qual a temática principal são romances que não deram certo: seja por impossibilidade, obsessão ou fracasso mesmo. Mais uma vez, Yunior aparece em alguns contos se dando mal: desta vez se dando mal no amor – por exemplo, a primeira que ele ama é a primeira que ele trai.

Apesar de tratar sempre de assuntos tensos e densos, sua escrita é bastante descontraída. Uma linguagem simples, repleta de ironia, que te coloca na leitura, que te faz participar da história como se o autor estivesse em uma mesa de bar contando aquilo. A ocorrência do bilinguismo se faz presente. O escritor escreve em inglês, porém sua obra está repleta do que chamamos de espanglês (a mistura do inglês com o espanhol) e, inclusive, na tradução ao português a intenção do bilinguismo em sua obra não se perde.

Apresentado um breve panorama geral da obra de Junot Diaz, agora partirei para apresentação do conceito de Mediação Cultural e, depois, analisarei a obra *A fantástica vida breve de Oscar Wao* (2007) de forma a abarcar que esta é um exemplo de prática em Mediação Cultural.

SOBRE PISAR EM OVOS: O(S) CONCEITO(S) DE MEDIAÇÃO CULTURAL

Um curso que propõe, já em seu nome, abarcar as Letras e as Artes já se imagina que, em dado momento, a multiplicidade de conceitos e práticas fará com que você duvide do que sua cabeça está absorvendo ou não. Coloque o termo Mediação Cultural junto e, pronto, já não se sabe mais o que e o quê. Brincadeiras à parte, é isso que o curso de Letras-Artes e Mediação Cultural da Universidade Federal da Integração Latino-Americana se propõe: estudar as Letras e



as Artes e os processos de Mediação Cultural. O problema, no entanto, está neste último termo, o qual apresenta tantas definições e, ao mesmo tempo, nenhuma que o abarque por completo ou que escape de colocá-lo em um idealismo no qual tudo pode ser dado como Mediação Cultural.

O que se pretende por em destaque com as observações prévias é que existe uma gama imensa de conceitos que definem o Mediador Cultural desde aquele -vulgarmente chamado- “monitor de museu” que deve situar os visitantes do museu sobre as obras até algo como o que vou abarcar aqui.

Gilberto Velho e Karina Kuschnir organizaram um livro com o título “Mediação, Cultura e Política” no qual são apresentados diversos exemplos de prática em Mediação Cultural – como, por exemplo, o forró. Logo na introdução, Velho e Kuschnir nos colocam a par do que acreditam ser o conceito:

A vida social só existe através das diferenças. São elas que, a partir da interação como processo universal, produzem e possibilitam as trocas, a comunicação e os intercâmbios. O estudo da mediação [...] permite constatar como se dão as interações entre categorias sociais e níveis culturais distintos. (VELHO, KURSCHNIR, 2001. p 7)

Para além de apenas constatar as interações, se faz necessária uma intervenção, afinal de contas esses contatos entre diferentes, na maioria das vezes, não se dá de forma saudável – muito pelo contrário. Livia Souza em um artigo na Revista de Estudos Literários da UEMS (REVELL), se utiliza da Antropologia Urbana para falar sobre a literatura argentina contemporânea e acaba também nos contemplando no seguinte trecho:

Josefina Ludmer (2010, p. 122) [...] fala sobre a cidade latino-americana da atualidade como um conjunto de ilhas, espaços muitas vezes vizinhos em sua localização, mas que ao mesmo tempo apresentam profundas diferenças culturais que dificultam, quando não inviabilizam, o trânsito entre seus territórios. Torna-se necessário, portanto, o desenvolvimento de estratégias que possibilitem a interação entre essas diferentes realidades. Entra em cena, nesse contexto, a figura do mediador, fundamental para possibilitar a circulação muitas vezes travada pelos processos de segregação e auto-segregação. (SOUZA, 2015, p 21/22)

Portanto, nestes contextos de segregação a figura de um Mediador Cultural surge não como o salvador da pátria mas para destravar possibilitar o contato. Mas de que forma? Essa é uma das coisas mais discutidas em nosso curso e, por isso, temos o auxílio das Letras e das Artes, ou seja, a arte e o artista também fazem mediação. É importante salientar a diferença entre falar que esta obra é um exemplo de prática em Mediação Cultural e afirmar que a arte como um todo o é também. Entender este conceito tão complicado – que é assim porque tudo antes de se firmar na caminhada, deve aprender a engatinhar – requer a compreensão de que o Mediador Cultural deve estar em contato com a cultura que está querendo dialogar (ou as culturas) e realmente estudar o público-alvo que quer atingir, criando assim um contato com este, fazendo que o contato entre a cultura que quer falar com a que vai escutar não cause uma repulsa entre as duas, mas sim permita o encontro. É tudo tão utópico, mas se tomarmos a arte como um potencial meio mediativo, como aquela que historicamente já é usada como protesto e já causou



sim revoluções e evoluções, é possível. A arte por si só não é revolucionária, mas a subjetividade e a sensibilidade por trás dela são o que a torna uma arma poderosa de mudança.

Como dito acima, é necessário contato direto com a comunidade com a qual se quer dialogar (ou as comunidades), caso contrário não estará mediando, se estará produzindo. Um outro ponto importante para se fazer uma arte mediativa é estabelecer uma relação com o público-alvo, como veremos o exemplo da obra de Diaz.

Farei abaixo como aqueles livretos que ensinam a ser *um empreendedor bruto* bem neoliberal, e escreverei alguns tópicos sobre Artes e Mediação Cultural:

1. Em tempos de segregação e desigualdade social fortes proporcionadas por um capitalismo que só cresce, a figura de um mediador se faz necessária para destravar as relações travadas por esses efeitos;

2. Mediar culturas é estar em contato com as comunidades, não impor vontades, mas falar das vontades e das coisas dessas comunidades;

3. No caso de ser um projeto artístico, principalmente uma obra literária, se faz necessária criar uma relação com o público-alvo, no caso do autor analisado aqui, se dá por conta da linguagem utilizada.

Depois desses três tópicos e do pouco dito aqui sobre este conceito tão confuso, novo e potente, vou trazer um exemplo disso, presente na obra do escritor Junot Diaz, chamada *A fantástica vida Breve de Oscar Wao (2007)*.

LITERATURA E MEDIAÇÃO CULTURAL: A OBRA DE JUNOT DIAZ

Um breve resumo de *A fantástica vida breve de Oscar Wao (2007)*

Para se gabar, este livro foi ganhador do Prêmio Pulitzer de Melhor Ficção de 2008 e passou umas boas semanas entre os *best-sellers* do famoso jornal estadunidense *The New York Times*. Vendido como a história de um *nerd* dominicano que sonha em ser o novo J.R. Tolkien e em dar seu primeiro beijo, nos traz a história de Oscar: realmente um jovem nerd dominicano morador do gueto de Nova Jersey que sonha em ser um escritor famoso, mas que não consegue muitos êxitos talvez por conta do *fukú* (uma maldição dominicana antiga que assola a família de Oscar há gerações). Se fosse por isso, esse seria apenas mais um *best-seller* água com açúcar sobre assuntos contemporâneos.

O leitor que compra o livro com o intuito de ler algo leve e tranquilo vai se chocar. Oscar realmente aparece pouco no livro que, na verdade, pode ser facilmente encarada como um retrato do dominicano em estado de imigração, vivendo à sombra de marginalidade e violência e para além disso coloca o leitor a par de grande parte da história da República Dominicana. O autor nos traz, logo na introdução – que renderia já um outro livro só a analisando – diversos fatos históricos do país, desde a origem do termo *fukú* (do qual ainda falarei), passando pela sangrenta e totalmente egocêntrica histórica da ditadura de Trujillo e pela invasão estado-unidense no país, e tantas outras, marcando tudo isso com imensas notas de rodapé recheadas de ironia (que também renderiam outro estudo totalmente fantástico).

Por que isso é Mediação Cultural?

Quando chegamos à conclusão de que esta obra é um exemplo prático de Mediação Cultural na literatura, entendemos que esse processo se dá por conta de alguns motivos: 1. A



aproximação empírica com a comunidade que fala, afinal, ele é esta pessoa que está em imigração e 2. A relação criada com o público-alvo que se dá através das referências à cultura nerd que conecta o leitor com a história fazendo-o entender melhor o que se passa/passou em dado momento da história dominicana (veremos melhor isso).

No trecho abaixo, Diaz fala sobre o ditador que governou a República Dominicana entre os anos de 1930 e 1960:

“À primeira vista, era apenas o prototípico caudilho latino-americano; no entanto, seu poder foi tão acachapante que poucos historiadores e escritores conseguiram de fato dimensioná-lo. Foi o nosso Sauron, nosso Arawn, nosso Darkseid, nosso Único e Eterno Ditador, um personagem tão vil, grotesco e perverso, que nem mesmo um autor de ficção científica teria concebido o sujeito. Famoso por ter mudado TODOS OS NOMES de TODOS OS PONTOS DE REFERÊNCIA da República Dominicana em homenagem a si mesmo (Pico Duarte tornou-se Pico Trujillo, Santo Domingo de Guzmán, a primeira e mais antiga cidade do Novo Mundo, virou Ciudad Trujillo);[...]» (DIAZ, 2008, p 21.)

Aqui, ele compara o ditador dominicano à Sauron (que é o antagonista da famosa série J. Tolkien *Senhor dos Anéis*, que quer dominar “o mundo”); Darkseid (é um personagem *supervilão* da DC Comics, considerado como a maior ameaça ao universo) e Arawn (pertence à mitologia galesa e é o deus da vingança, do terror e da guerra). Ou seja, aqui para situar o leitor do grotesco e “malvadão” Trujillo, ele se utiliza de três personagens tecnicamente conhecidos da cultura estadunidense para que se possa aproximar este público do que se passou.

Em um outro momento, Junot Diaz fala sobre a invasão americana na República Dominicana só que, talvez para amenizar um pouco, ele fala sobre o surgimento de um termo muito comum em sua terra: *paraiquayo*. Vemos aqui:

O termo pejorativo *parigüayo*, concordam os Vigias, é uma corruptela do neologismo inglês “party watcher”. A palavra surgiu durante a Primeira Ocupação Norte-Americana da RD, que durou de 1916 a 1924. (Vocês não sabiam que tínhamos sido invadidos duas vezes no século XX? Não se preocupem, quando tiverem filhos, eles também não vão saber que os EUA ocuparam o Iraque.) Ao longo dessa primeira intervenção, conta-se que membros das forças de ocupação estadunidenses iam muito às festas dominicanas, mas que, em vez de participar da diversão, os forasteiros ficavam à beira da pista de dança, observando. O que, obviamente, devia parecer a coisa mais absurda do mundo. Quem é que vai a uma festa só para observar? Dali para frente, os fuzileiros viraram *parigüayos* — termo usado atualmente para descrever qualquer pessoa que se limite a ficar olhando, enquanto outros se dão bem com as garotas. O mané que não dança, não é esperto e vive deixando os outros zombarem da sua cara é um *parigüayo*. (DIAZ, 2008)

Aqui, ele resolve criticar de certa forma certas ações dos ianques, principalmente



quando se refere à ocultação da história referente às históricas invasões estadunidenses em países seja com qual lá seja a intenção. É pequeno, mas esse trecho serve para mostrar que o autor não se esconde das críticas ao que este antro capitalista pratica e, quando o faz, sempre carrega uma ironia pesada ao mesmo tempo em que “apazigua” isso com uma história secundária. Isso faz com que o leitor pense, mas não se enoje da história. A crítica não é feita direta e “panfletariamente”, mas com uma sensibilidade artística que não causa repulsa em quem lê, em quem tem que sentir a crítica.

Se a Mediação Cultural e, por conseguinte, o Mediador Cultural, são essa ponte, essa linha por muitas vezes tênue que interliga uma cultura segregada daqueles que muitas vezes a segregam, a obra de Diaz pode ser configurada dentro de tal prática, pois ela atinge seu alvo em cheio, principalmente através da linguagem, das referências que são utilizadas em suas linhas, possivelmente colocando tal público a par de situações que provavelmente não teriam contato, fazendo-os refletir a que ponto os estereótipos podem levar. Trouxe aqui dois exemplo claros e bem curtos para ajudar a entender melhor os conceitos, recomenda-se a leitura do livro para melhores entendimentos, haja visto que foi cedido um curto espaço para escrever sobre tanto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por vezes buscamos meios jurídicos e políticos para resolver conflitos culturais, o que a certo ponto é mais do que certo. O que precisamos pensar é que essa resolução pode estar tão próximo que até nos esquecemos. Diversos artistas têm voltado suas práticas e técnicas para temas relacionados com choques culturais e suas diversas sequelas, e a literatura não fica de fora. Não afirmamos que a arte ou a literatura são os super-heróis salvadores de um dos problemas mais discutidos na contemporaneidade, mas que ambas podem ser utilizadas em uma instância na qual o diálogo ainda é utilizável, permitindo que a ponte entre a cultura segregada e a que a segregou não se erga em vigas mal colocadas e já rachadas, e que estará apenas de enfeite, pois o contato não será pacífico, continuará conflitivo. O caminho é longo, mas já podemos concluir que a literatura pode ser usada como uma prática de Mediação Cultural.

REFERÊNCIAS

- DIAZ, Junot. *A fantástica vida breve de Oscar Wao*. Editora Record, Rio de Janeiro, 2007;
_____. *Afogado*. Editora Record, Rio de Janeiro. 1998;
_____. *É assim que você a perde*. Editora Record, Rio de Janeiro, 2013.
- HERNANDES, Ramona; RIVERA-BATIZ, Francisco L. *Dominicans in the united states: a socioeconomic profile*. 2000. Disponível em: http://www.columbia.edu/~flr9/documents/Dominicans_in_the_united_states_2003.pdf. Acesso: 23/09/2017
- S-VELHO, Gilberto; KURSCHINIR, Karina. *Mediação Cultural e Política*. Aeroplano Editora, Rio de Janeiro, 2001.
- SOUZA, Livia Santos de. Olhar da antropologia urbana como chave de leitura para a literatura argentina contemporânea: culturas, fronteiras e mediação. *REVELL* - Revista de Estudos Literários da UEMS - ANO 6, Número 10 – TEMÁTICO: “Estudos Hispânicos em Literatura e Cultura”. Agosto de 2015. Páginas: 21 à 35.